

**UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CURSO  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

**LUCÉLIA SILVIA DE SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM NA CRIANÇA**

**São Paulo  
2009**

**LUCÉLIA SILVIA DE SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM NA CRIANÇA**

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Psicopedagoga do curso Psicopedagogia Clínica e Institucional do programa de Pós-Graduação da Universidade de Santo Amaro, sob orientação do Prof.<sup>a</sup> Ms. Flávia Teresa de Lima.

**São Paulo  
2009**

Quero deixar registrado o meu carinho... O primeiro e mais simples passo para ajudar alguém, para ser amigável muitas vezes é apenas ouvir... Obrigada. Edson A. de Souza, por fazer parte da minha vida neste momento.

## AGRADECIMENTOS

---

Agradecemos primeiramente a Deus pela sua infinita misericórdia, por ter permitido concluir mais esta jornada.

Pensar em agradecimento é pensar em pessoas que em algum momento de suas vidas estiveram e compartilharam comigo.

A minha família, que são os meus maiores incentivadores, novamente digo meu porto-seguro, obrigada por existirem em minha vida.

Maria das Dores, colega de graduação com quem pude dividir minhas dúvidas e inseguranças.

Myrian Shizuko, uma amiga sempre disponível e querida, que muito contribui para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A equipe Docente da Universidade Santo Amaro – Unisa pelo acolhimento e brilhantismo com que nos trouxe a luz de nossos conhecimentos em especial a professora Sônia Saj Porcacchia pelo carinho e acolhimento os meus sinceros agradecimento.

Aos meus professores os meus sinceros agradecimentos em especial a professora Flávia, por orientar exaustivamente, não só com sua dedicação, mas paciência e acolhimento.

A cada pessoa que permeou com amizade a nossa perseverança...

Obrigada por passarem pela minha vida neste momento de construção e aprendizagem.

## RESUMO

---

O presente trabalho teve por finalidade analisar a importância do vínculo familiar no processo de aprendizagem da criança. Sabe-se que a família é formadora do indivíduo e é ela que proporcionará o seu desenvolvimento bem como seu processo de aprendizagem de acordo com o meio ambiente que pode facilitar ou dificultar a sua evolução enquanto ser aprendiz. Sendo assim, este trabalho construiu-se como objetivo de compreender a importância do vínculo familiar no desenvolvimento da criança, tendo as intervenções do psicopedagogo(a) como elo, pois o papel inicial do psicopedagogo(a) frente às dificuldades de aprendizagem é fazer uma análise da situação para poder diagnosticar os problemas e suas causas. Nesse sentido levantamos como hipótese, a partir do estudo de caso, através de nosso Estágio, através da análise de sintomas que o indivíduo apresenta, ouvindo a sua queixa, a queixa da família, além de resgatar a história de vida do sujeito, na busca de propiciar uma aprendizagem significativa.

**Palavras-chave:** Vínculo-familiar. Aprendizagem. Psicopedagogo.

## ABSTRACT

---

The present work has the purpose to analyze the importance of the familiar bond in children's learning process. It is known that family is the individual's trainer and it will provide its development, as well as its learning process according to the environment that can facilitate or raise difficulties in its development as a learner. Then, this work has been constructed with the objective to understand the importance of the familiar bond in children's development, having psychopedagogists interventions as a link, because the initial role of the psychopedagogists facing learning disabilities is to do an analysis of the situation in order to diagnose the problems and their causes. In this way, we hypothesize, from the case study, through our Stage, through symptom analysis presented by the individual, listening to its complaint, the family's complaint, as well as rescuing the subject's life story in order to provide a meaningful learning.

**Keywords:** Bond-family. Learning. Psychopedagogists.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I - A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA	10
1.1 O que é a Teoria Sistêmica	10
1.2 A visão sistêmica de família	13
1.3 Vínculos familiares saudáveis e patológicos	16
1.4 Vínculos familiares patológicos e seus reflexos no desenvolvimento emocional da criança	20
CAPÍTULO II – VÍNCULOS FAMILIARES E APRENDIZAGEM	22
2.1 Os conceitos de ensinante e aprendente dentro da Psicopedagogia	22
2.2 A relação ensinante – aprendente	34
2.3 Modalidades de ensinante	26
CAPÍTULO III – DA SINOPSE DOS DADOS À REFLEXÃO	28
3.1 Estudo de caso	28
3.2 Um pouco da história da paciente	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

## INTRODUÇÃO

---

Na Psicopedagogia o campo de atuação é focado no estudo do processo de aprendizagem, diagnóstico e tratamento dos seus obstáculos, levando em conta o sujeito em sua totalidade, bem como suas capacidades cognitivas e afetivas contextualizado no ambiente em que vive. Sendo o psicopedagogo(a) responsável por detectar e tratar possíveis obstáculos no processo de aprendizagem, tem como preocupação, a aprendizagem, como procedimento em que os seres humanos desenvolveram para se adaptar ao meio.

A Psicopedagogia irá trabalhar com o sujeito cognoscente, o sujeito do conhecimento, o sujeito desejante e procura possibilitar o nascimento do sujeito aprendente.

O papel inicial do psicopedagogo(a) frente as questões de dificuldades de aprendizagem é fazer uma análise para poder diagnosticar os problemas e suas causas. Ao edificar as hipóteses através da análise dos sintomas apresentado pelo indivíduo, ouvindo a sua queixa, a queixa da família, a queixa da escola, além de resgatar a história de vida do sujeito.

A Intervenção Psicopedagógica voltada ao sujeito com distúrbios de aprendizagem e aos sintomas tem sua atuação restrita se não levarmos em conta a instituição familiar e as experiências que a mesma proporciona.

Como ressalta Fernández (2001, p. 92), “nosso “olhar através da família” leva em conta simultaneamente três níveis: individual, vincular e dinâmico, que se entrecruzam [...]”.

Contudo, a família será então, o primeiro grupo social do qual o sujeito fará parte. A criança em seu desenvolvimento poderá viver situações em âmbito familiar que serão determinantes de sua relação-apropriação do mundo.

Através do presente estudo, busco levantar dados que justifique o quanto o ambiente familiar tem importância no surgimento de conflitos no desenvolvimento do sujeito, acarretando problemas de aprendizagem.

Para a realização desta monografia nos apoiamos em leituras e pesquisas bibliográficas, e posteriormente pesquisa qualitativa, a fim de compreender e

aprofundar o conhecimento teórico sobre temas como vínculo familiar. Realizada sob os moldes de um estudo de caso, de forma que possamos observar que são essenciais os estudos que envolva o âmbito familiar.

Decorrente da Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, do estágio supervisionado do atendimento psicopedagógico realizado com crianças que apresentam problemas de aprendizagem e tem como queixa principal o fato de apresentarem modalidade de aprendizagem da leitura e escrita, nasce algumas indagações: como a Intervenção Psicopedagógica, por meio do trabalho que envolva o âmbito família do paciente, pode contribuir na formação do sujeito aprendente rumo à autoria de pensamento.

Com esta pesquisa não se pretende apenas contribuir para que haja informações a respeito de como trabalhar a importância do vínculo familiar, mas também reconhecer como estas famílias precisa ser cuidadas, merecendo atenção especial, social e psicopedagógica.

Acreditamos que neste trabalho é relevante na produção de conhecimentos sobre o contexto familiar, reconhecendo como estas famílias são importantes para um bom desenvolvimento dos fatores cognitivos/ afetivos/ sociais.

Nosso trabalho está estruturado em três capítulos, sendo que o primeiro refere-se “A importância do vínculo familiar no desenvolvimento emocional da criança”, fazendo uma aproximação conceitual, esclarecendo o que é visão sistêmica de família, o vínculo familiar tanto saudável como patológico no reflexo do desenvolvimento emocional da criança.

No segundo capítulo é intitulado “Vínculos familiares e aprendizagem”, apresentando o conceito ensinante e aprendente dentro da psicopedagogia, apontando a relação entre ensinante-aprendente, especificando e explicando aquele que é o nosso objetivo de estudo o vínculo familiar.

No terceiro que intitulamos “Dialogando com o paciente”, foi realizada a contextualização dos atendimentos psicopedagógicos e análise final.

Neste sentido pretendemos contribuir com programas de apoio/ ações para que o psicopedagogo(a) descubra este campo de atuação profissional intervindo no sistema familiar, trabalhando a dualidade família-criança, pois a intervenção junto com a família propicia melhorias no desempenho e envolvimento da mesma.

“Acredito, porém, que quanto mais estruturada emocionalmente for a família, com relações afetivas satisfatórias, convivências de trocas verdadeiras, e quanto mais precocemente puder ser orientada, tanto maior será sua possibilidade de reestruturação e redimensionamento de funções e papéis, e conseqüentemente, de facilitação do processo de desenvolvimento de seu filho, na totalidade do ser”.

D’ANTINO, 1998.

# 1 A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA

## 1.1 O que é a Teoria Sistêmica

*“Não se pode chegar a uma ciência do homem, sem o homem. Sem o homem estudado e o homem que estuda”.*

José Blóger

Para entendermos a importância do vínculo familiar no processo de aprendizagem da criança, é importante traçarmos uma breve reflexão sobre a teoria sistêmica.

A família contemporânea está passando por grandes transformações contextuais, com seus diferentes arranjos familiares. O aparecimento de novas teorias explicativas do relacionamento humano tem trazido novos conhecimentos, possibilidades no que refere à educação dos filhos na sociedade atual.

A teoria geral do sistema, após da teoria psicanalítica e da teoria behaviorista, sendo considerada como uma grande contribuição na busca de uma teoria unificada do comportamento humano.

O pensamento sistêmico visto como uma nova visão de realidade consistindo em uma inter-relação essencial de todos os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais, que vão além das atuais fronteiras disciplinares e conceituais. Criando assim um campo que possibilite a interação entre educadores e educando ao invés das partes isoladas.

A concepção sistêmica tem suas bases teóricas na “Teoria Geral do Sistema” Portella (2008). Sendo pela primeira vez introduzida por Ludwing Von Bertalanfy, cientista e biólogo. Tornando-se assim, referenciais básicos para este novo campo. Mas Gregory Bateson um antropólogo, que mostrou como a física cibernética<sup>1</sup> se

---

<sup>1</sup> Através de Portella (et al. 2008, p. 96) podemos entender que a cibernética é uma teoria dos sistemas de controle baseada na comunicação (transferência de informação) entre o sistema e o meio, bem como no interior do sistema e na retroalimentação (feedback) das funções do sistema pelo meio ambiente.

poderiam chegar ao entendimento dos processos de comunicação entre os seres humanos. Um dos pioneiros na compreensão do funcionamento da família ao aplicar os conceitos no entendimento da comunicação foi possível reconhecer homens e mulheres como parte de um todo mais amplo.

A teoria sistêmica valoriza todos os elementos desta relação de forma igualitária, ou seja, a partir dos estudos da cibernética, o enfoque sistêmico cria uma teoria que procura dar conta das relações, com um caminho possível de focalizar o todo, sem perder de vista as partes que o compõem.

A cibernética tem como sua principal característica a capacidade de autorregulação, isto é, a capacidade do próprio sistema de corrigir desvios em sua trajetória, de modo que garanta o alcance de suas metas.

Ou seja, a primeira cibernética retrata o sistema em crise como uma máquina homeostática, na qual este modelo separava o terapeuta do cliente. Na segunda cibernética expõem o sistema em uma visão que pode ser aplicada a qualquer assunto, isto é, em um tratamento contendo ambos, observador e o observado, em um grande grupo.

Contudo, a partir deste breve estudo com o olhar sistêmico vemos o jogo das relações das pessoas, nas questões da aprendizagem elas devem ser consideradas sistematicamente, ou seja, a família, a escola, a criança, os professores fazem parte de um sistema<sup>2</sup>.

Pensar sistematicamente deve-se levar em conta as questões educativas, possibilitando uma visão mais ampla entre o ensinar e o aprender na compreensão do quando, onde e como acontece. É criar um campo facilitador para a interação entre educandos e educadores membros de diferentes sistemas sociais, assimilarem os conhecimentos que adquirirem nestes contextos culturais, e reunirem-nos, religarem-nos em novas bases de saber.

Em um sistema familiar ou escolar, as dificuldades de aprendizagem surgem como um sintoma denunciador de questões que ainda não tinham sido percebidas. A psicopedagogia, ao unir-se com outras áreas de conhecimento, ajuda a escola a perceber que não pode ser mais uma colaboradora para a manutenção de um sistema familiar disfuncional, mas poderá contribuir para sensibilizar os pais ou familiares da criança com

---

<sup>2</sup> Sistema: conjunto de elementos materiais ou não que dependem reciprocamente uns dos outros, de maneira a formar um todo organizado. (POLITY, 2004, p. 42).

dificuldades criar novas formas de interação que demonstrem afetividade, carinho e atenção. (MUNHOZ, 2003, p. 71)

Caracterizando-se assim um saber interdisciplinar, utilizando conhecimentos de outras disciplinas.

Para Fernández (apud MUNHOZ, 2003, p. 27), “a origem do problema de aprendizagem não se encontra na estrutura individual. Ao contrário, o sintoma circula na rede de vínculos familiares e, evidentemente, vai aparecer num ou noutro indivíduo”.

O psicopedagogo deve estar voltado para este pensamento ao articular disciplinas, ao articular estas relações. Com os objetivos de compreender o desenvolvimento de habilidade e competências do ser humano, sendo importante entender não só pragmática da comunicação, mas entender os valores das palavras e o peso delas.

Segundo Polity:

Vários autores definem o papel da psicopedagogia, mas a definição de Scoz é bem clara. Ela define como: “Área que estuda e lida com o processo de aprendizagem e suas dificuldades e que, numa ação profissional, deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os. (SCOZ, 1996 op. cit. p. 19, apud POLITY, 2004, p. 23)

Sabemos que muitas das famílias podem ser facilitadoras ou inibidoras desse processo de aprendizagem. Pois compreender suas interações, refletir não somente como ocorreram as experiências, mas qual a intenção de estar falando e o que esta falando, ou seja, como foram interpretadas por eles e pelos seus pais, entre quem ensina e quem aprende.

No entanto, ao trabalhar com crianças que apresentem queixa de dificuldade de aprendizagem, a teoria sistêmica surge oferecendo-nos respaldo teórico e prático para a intervenção psicopedagógica, com as famílias.

## 1.2 A visão sistêmica de família

*"Estamos sujeitos a termos algum desacordo familiar em algumas ocasiões, porém jamais devemos negligenciar o osso esforço para o desenvolvimento e progresso".*

*Daisaku Ikeda*

Trata-se de uma mudança, na qual a família está na entrada do que se pode chamar de mudança de paradigmas. Ao se pensar na família hoje como a conhecemos se originou a partir de sucessivas transformações sociais pelas quais a sociedade humana passou ao longo de sua evolução.

Muitos autores estudaram o nascimento da instituição familiar assim como através de olhares antropológicos, biológicos, econômicos e até mesmo os religiosos. Segundo Tiba (2002), ressalta a família sua origem ainda na pré-história, onde os grupos não se uniam por laços consangüíneos e, sim pela necessidade de sobrevivência em um espaço que não se pode viver e repleto de predadores, adotando um procedimento extrativista e nômade.

A família é uma instituição transdisciplinar por excelência e tem sido objeto de estudo de muitas áreas de conhecimento. É uma matriz de subjetividade, de identidade onde o mundo mental de cada membro e o mundo que os membros constroem juntos são uma verdadeira mente à parte. Essa mente contém todos os elementos do sócio, do cultural e do momento econômico em que ela se estabelece: é um todo orgânico, vivo, palpitante e inter-relacionado [...] a família tem sido vista como uma instituição complexa na sociedade moderna e sujeita a muitas transformações. (FILHO, 2000, p. 43)

A família representa o primeiro núcleo de constituição e de socialização dos indivíduos, por onde serão desenvolvidos todos os meios de construção do sujeito psicossocial. A ela vem sendo formada, com mais confiança, respeito e autonomia diante dos parâmetros em que se situa.

Cada membro da família constitui-se como pessoa, como toda instituição social, torna presente sua subjetividade nas experiências vividas. Apresenta aspectos positivos, enquanto núcleo afetivo de apoio, por outro lado aspectos negativos, como a imposição normativa através de leis, que implicam formas e

finalidades rígidas. Tornando-se muitas vezes, elemento de coação social, geradora de conflitos e ambigüidades.

Aspectos da família que podem ser um terreno fértil para a formação de um sintoma na aprendizagem relacionam-se com o tipo de circulação do conhecimento e com as possibilidades de diferenciação desta família... A família intervém nos níveis orgânico, corporal, intelectual e desejante que entram em ação para que se possa aprender. (FERNÁNDEZ, 1991. p 97)

A família é formadora do indivíduo e é no ambiente familiar que proporcionará o seu desenvolvimento. O processo de aprendizagem de acordo com o meio poderá facilitar ou dificultar a sua evolução enquanto ser aprendiz.

Entendo que todos os componentes de um determinado grupo social seja ela familiar, escolar, religioso, exercem influência ou são influenciados uns pelos outros. Nesta perspectiva a intervenção psicopedagógica não considera a leitura linear dos fatos, onde a lei de causa e efeitos predomina, mas os considera como sistema de influências recíprocas.

Sob o prisma da teoria geral do sistema a família representa um sistema vivo que apresenta um funcionamento, podendo os mecanismos ser esclarecedores para uma intervenção psicopedagógica adequada.

Por conseguinte, a família não pode ser identificada como uma única forma. Ao se pensar em família, hoje, devem-se considerar as mudanças que ocorrem em nossa sociedade. Os arranjos e reorganizações que acontecem no interior, como estão se construindo as novas relações humanas e de que forma as pessoas estão cuidando de suas vidas familiares, vêm contribuindo para delinear o seu perfil mutante.

Segundo Munhoz (2003), as características básicas das comunicações, dos ideais, das ações, dos estudos concernentes tornam-se mais complexos em todos os campos de conhecimento, a partir destas mudanças. Daí a necessidade de uma abordagem ampla que de conta da complexidade das relações, para compreender as enfermidades do indivíduo e da família neste contexto surge o pensamento sistêmico nos estudos dos sistemas humanos.

A família como um sistema dinâmico de interações, parte do sistema social, é constituída por subsistemas: membros que agem e interagem numa estrutura funcional ao se inserirem nos outros sistemas humanos. São compostos pelos elementos da própria família, como: esposo/ esposa, denominado de subsistema conjugal o casal de pais, como subsistema

parental, e o grupo de irmãos, como subsistema fraternal. Esses subsistemas, ao se articularem e interagirem, de maneira flexível e adaptável, desempenham as funções de um sistema que evolui através das etapas dos ciclos vitais: individual e familiar. (MUNHOZ, 2003, p. 14).

A teoria dos sistemas familiares foi desenvolvida por um médico psiquiatra e terapeuta de família americano Murray Bowen, através de um longo processo de observações de famílias humanas em diversas situações, segundo a sua definição, família é um sistema, conforme explica na seguinte citação:

A família é um sistema em que a mudança que afeta uma de suas partes se faz seguir por mudanças compensatórias em outras de suas partes componentes. Prefiro pensá-la como uma variedade de sistema e subsistema. Os sistemas em todos os níveis de eficiência: do funcionamento ótimo à total disfunção e falência. Faz-se necessário também pensar de superfuncionamento, o qual pode ser compensado ou descompensado. [...] O funcionamento de qualquer um dos sistemas depende do funcionamento tanto de sistema mais amplo de que faz parte como também do de seus subsistemas. (BOWEN, 1978 apud ELKAIM, 1998, p. 72).

Pensando a família sob a perspectiva sistêmica, podemos considerar como um sistema aberto formada por unidades e ligadas por regras de comportamentos e por um dinamismo em constante interação e, conseqüentemente constante transformação. Na medida em que seus membros sofram interferência/ influência da ação dos outros sobre si, todos são submetidos às pressões externas e internas que interferirão nas relações estabelecidas entre si e com o meio no qual o grupo familiar está inserido.

Certamente os problemas que envolvem a aprendizagem são bastante complexos, pois contemplam aspectos cognitivos, afetivos e sociais. O que é bastante interessante é trazer a família para o centro do tratamento. O diagnóstico é um processo importante para a intervenção do terapeuta; portanto, ele deve levar em consideração a história de aprendizagem da família para, a partir dela, construir um novo modelo familiar de aprender. (MUNHOZ, 2003. p. 33)

O modelo sistêmico permite visualizar a multiplicidade do sistema familiar, pois conduz a compreensão em seus distintos contextos, na sua pluralidade que inclui o social, o cultural, o econômico e o temporal, já que as gerações deixam suas marcas na história familiar, transmitindo e perpetuando a repetição de padrões.

Assim, é importante que o atendimento psicopedagógico proporcione também, um lugar de se pensar a aprendizagem, a partir das relações humanas

vividas na família. Ou seja, em uma intervenção psicopedagógica voltada ao sujeito com distúrbios na aprendizagem e ao sintoma tem sua atuação limitada se não levar em consideração os membros familiares e as experiências que ele proporciona.

A família tem o papel central no desenvolvimento da criança, é o primeiro grupo social do qual o sujeito fará parte. A vida em família possibilita o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas. Assim, pode-se dizer que a criança em seu desenvolvimento poderá viver situações no núcleo familiar que serão determinantes de sua relação-apropriação do mundo.

Para refletirmos sobre uma articulação teórica entre aprendizagem e relações familiares, é importante entendermos o vínculo familiar partindo de um atendimento psicopedagógico incluindo em seu percurso referencial do trabalho de atendimento familiar sistêmico. O que trataremos a seguir.

### **1.3 Vínculos familiares saudáveis e patológicos**

*“Todos temos a obrigação de educar, cada segmento social tem seu papel, a escola, o governo, a família, mas é em casa... através daqueles que nos educam e que inicialmente nos servirão de modelo, que irão se formar nossos princípios morais e éticos”.*

*M. A. L. Pinto*

Faz-se necessário compreender a importância das relações vinculares para aprendizagem da vida e a compreensão da criança no processo de relações afetivas vinculadas ao conhecimento, bem como a repercussão das situações comuns de encontros e desencontros, no cotidiano das relações interpessoais.

Segundo Pichon-Rivière (2007, p. 3), “[...] a maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento, que chamamos vínculo”.

Em decorrência da vinculação que a criança mantém com o seu grupo familiar e o tipo de comunicação, automaticamente se repete em outras situações

involuntariamente. Ou seja, será no âmbito familiar na qual a criança irá começar a desfrutar a sua capacidade de pensar e haverá ligação entre o pleno exercício desse potencial e as experiências vividas desde o seu nascimento.

O bebê é um ser humano, imaturo e extremamente dependente, e também um indivíduo que está tendo e armazenando experiências. Isto tem uma enorme importância prática para todos que se ocupam dos estágios iniciais. (WINNICOTT, 1999, p. 55).

O fator ambiental e a forma pela qual o indivíduo irá lidar com as relações do seu grupo de origem, na qual no início o bebê é completamente dependente do fornecimento físico pela mãe, viva em seu útero e depois com os seus cuidados. Isto é, a aprendizagem ela decorre no seio de um vínculo humano, cujos primeiros vínculos são entre mãe-pai-filho-irmão, como mencionado a prematuridade humana impõe a outro semelhante adulto para a criança, aprendendo e crescendo possa viver.

Winnicott sugere que, com o cuidado que recebe de sua mãe, a criança começa a construir sua experiência pessoal. [...] É importante destacar que, para ele, a mãe suficientemente boa seria aquela capaz não só de promover essa ilusão de continuidade, mas também de perceber o momento em que essa fusão não é mais necessária, podendo permitir uma separação. [...] A evolução do aparelho psíquico passaria por essa possibilidade materna de permitir que a criança passe da crença inabalável em sua própria onipotência da realidade. (SOUZA, 1995, p. 55).

É importante verificar até que ponto a criança desenvolveu dentro de si estigma da diferença ou deficiência. O que interfere gradativamente na sua auto-estima na compreensão e desenvolvimento de sua identidade. Poderá desenvolver determinadas relações patológicas com aprendizagem.

De acordo com a psicanálise de Klein tornar-se necessário a compreensão da amplitude das relações vinculares externas que a criança estabelece em seu grupo familiar, na qual a família é à base de todas as experiências futuras de uma criança, que irá refletir externamente com outras pessoas.

O nível e o tipo de vinculação que a criança estabelece com as pessoas que a cercam vão determinar o nível e o tipo de vinculação estabelecidos com o conhecimento, repercutindo, assim, na sua aprendizagem escolar. (KLEIN 1962, apud CHAMAT, 1997, p. 17).

A falta de vinculação afetiva familiar afeta diretamente a criança impedindo-lhe de penetrar ao mundo das idéias, cuja causa é o medo frente a situações de conhecimento. Segundo Weiss (2007, p. 68), “somente um ambiente afetivo, informal, possibilita aos pais a diminuição das defesas, a perda de medos e o crescimento da espontaneidade”.

Por tanto para a compreensão dos vínculos algumas questões devem ser levadas em consideração como: os fatores ambientais, instintivos e psicológicos do indivíduo.

[...] a noção de vínculo é muito mais concreta. Relação de objeto é a estrutura interna do vínculo. Um vínculo é, então, um tipo particular de relação de objeto; a relação de objeto é constituída por uma estrutura que funciona de uma determinada maneira. É uma estrutura dinâmica em contínuo movimento, que funciona acionada ou movida por fatores instintivos, por motivações psicológicas. [...] Podemos definir o vínculo como uma relação particular com o objeto. Essa relação particular tem como consequência uma conduta mais ou menos fixa com esse objeto. [...] que tem a se repetir automaticamente, tanto na relação interna quanto na relação externa com o objeto. (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p. 17).

Ao falar sobre os tipos de relações vinculares, Pichon-Rivière nos aponta que nenhum paciente apresenta um tipo único de vínculo, segundo ele as relações com o objeto e as relações estabelecidas como o mundo são mistas. O que explica que cada paciente descreve sua enfermidade através de sua própria experiência, construindo assim uma determinada hipótese sobre a patogenia.

Em Pichon-Rivière (2007, p. 3), encontra-se varias tipos de vínculos em suas exposições, desde o vínculo que denomina normal até chegar à alteração do vínculo, que chama de patológico.

Vínculo paranóico: caracteriza-se pela desconfiança, pela exigência que o sujeito experimenta em relações com os outros;  
 Vínculo depressivo: caracteriza-se por estar permanentemente carregado pela culpa e expiação;  
 Vínculo obsessivo: se relaciona com o controle e a ordem;  
 Vínculo hipocondríaco: é aquele que o indivíduo estabelece com os outros através de seu corpo, da saúde e da queixa;  
 Vínculo histérico: é o vínculo da repressão, sendo sua principal característica a plasticidade e a dramaticidade.

Trata-se de níveis patológico mais profundo, mas também exprime idéias que impeçam o crescimento, dificultando a vinculação com o conhecimento.

Na questão patológica podemos abordar outro tipo de vínculo que é bastante comum e de fácil percepção mediante a queixa apresentada pelos pais, e também no levantamento da história de vida do sujeito em estudo na anamnese: o vínculo de dependência.

Segundo a Chamat (1997, p. 40):

Trata-se de crianças extremamente dependentes dos genitores, imaturas do ponto de vista psicológico e afetivo-cognitivo. Falta-lhes esquemas e estruturas de pensamento que lhes possibilite uma aprendizagem assimilativa; e, ainda mais, o desejo de pensar pelo medo do desequilíbrio.

Geralmente os pais ao procurarem ajuda atribuem toda a responsabilidade ao método desenvolvido pela escola ou ineficiência do professor ou aponta o problema como uma deficiência da criança negando qualquer responsabilidade. Vemos neste caso, não o aparecimento do vínculo saudável, sim uma dificuldade de lidar com o crescimento.

Uma investigação mais apurada revela uma total desorganização da criança mediante atitudes facilitadoras dos pais impedindo o rompimento de dependência da criança. De modo que estes vínculos são prejudiciais e podem estar relacionados com o déficit de aprendizagem da criança.

Conforme Fernández (1990 apud PORTELLA, 2008, p. 6):

A origem do problema de aprendizagem não se encontra na estrutura individual. O sintoma de âncora em uma rede partícula de vínculos familiares, que se entrecruzam com uma também particular estrutura individual.

Entretanto, vemos que a aprendizagem nunca deve ser vista como função isolada, ela faz parte de um contexto familiar, social e afetivo na qual o sujeito faz parte.

## 1.4 Vínculos familiares patológicos e seus reflexos no desenvolvimento emocional da criança

*"Nada mais do que o amor constitui, liga, faz ser família. Se a família fracassou no mundo, é porque faltou o amor. Onde o amor se extingue, a família se esfacela. É por isso que as famílias devem se estabelecer lá onde está a fonte do Amor [...]".*

Chiara Lubich

A família se faz presente desde os primeiros momentos da criação de um novo ser humano. Pois a vida em família é uma das primeiras experiências significativas de vida do indivíduo. Conseqüentemente, a vida afetiva de um ser tem uma longa trajetória pela educação nos convívios familiar, sendo ela um alicerce de construção posterior do homem enquanto ser social.

Sabe-se, através da literatura freudiana e kleiniana, que a formação das estruturas afetivas antecede a formação das estruturas psicológicas do ego [...], pois é nas primeiras relações mãe-filho que a afetividade se manifesta e vai se cristalizando durante o desenvolvimento do bebê, preservando assim suas estruturas psicológicas a serviço do ego, e a nível orgânico, sua sobrevivência. (CHAMAT, 1997, p. 61).

Nos primeiros anos de vida da criança é possível perceber a qualidade das relações vinculares estabelecidas, o que pode repercutir em suas relações futuras tanto na forma de perceber o mundo como na forma de relacionar-se com outras pessoas determinando assim um modo pelo qual irá lidar com o novo e o desconhecido.

Em uma dinâmica família, os vínculos emocionais que atam uns aos outros têm a densidade de um fio de aço: possibilitar movê-los, flexibilizá-los ou desatá-los é convidar os membros de um sistema familiar a percorrer um caminho cheio de perigos, mas com possibilidades imensas de novas descobertas. Nesse sistema, tudo aparece em forma de interações: não há o indivíduo sozinho, mas o indivíduo em interação com... (PORTELLA, 2008, p. 38)

Criança que muitas vezes não aprende a ler, a escrever e os cálculos de matemática, não por falta de condições necessárias para se alcançar, mas sim por bloqueio e inibição no pensar, gerados por problemáticas afetivas e ou emocionais.

O não aprender pode revelar uma dificuldade na relação da criança com sua família, será o sintoma de algo vai mal nessa dinâmica familiar. Ou seja, pode manifestar-se por uma rejeição ao conhecimento escolar, omissões e distorções na leitura ou na escrita, não conseguir fazer uma divisão, enfim.

No que se refere às dificuldades de aprendizagem, não podemos esquecer que, ao ingressar na escola, a criança já trás consigo uma atitude diante da possibilidade de conhecimento. Tal atitude foi estabelecida desde os seus primeiros anos de vida a partir da forma como, dentro de sua família, a relação com o conhecimento foi estabelecida. E aqui conhecer não se refere somente à realidade objetiva, mas, e talvez principalmente, à realidade subjetiva, isto é, seus impulsos e fantasias. (SOUZA, 1995, p. 50).

É de fundamental importância ao observar o desempenho de uma criança no que diz respeito à aprendizagem escolar, a transmissão do conhecimento e a história de vida do individuo, seus sentimentos, seus conflitos e etc. Isto se faz necessário para compreender o lugar que ele ocupa em relação aos membros de sua família, isto irá favorecê-lo em seu desempenho escolar.

Alunos que considerados indisciplinados ou desajustados poderão mudar de atitudes e de comportamento através do reconhecimento e da valorização da subjetividade em sala de aula.

O educador deve buscar compreender e dar limites ao seu aluno quando este ataca o vínculo, mas, acima de tudo, construir uma relação vincular sólida, pois, assim como o terapeuta, por transferência, ele simboliza o conhecimento. (CHAMAT, 1997, p. 72)

Contudo, o processo de ensino e aprendizagem através de um trabalho coletivo cabe à escola este papel tendo a criança como foco de sua atenção, sendo um papel importante na construção do conhecimento e na socialização do homem.

Se quisermos conhecer o sujeito que aprende, temos que compreender em que contexto a aprendizagem acontece. Feitas estas considerações, este tema trás uma relevância por discutir como os vínculos são estabelecidos entre ensinantes e aprendentes afetam os processos de aprendizagem da criança. Estaremos abordando no próximo capítulo.

## 2 VÍNCULO FAMILIAR E APRENDIZAGEM

### 2.1 Os conceitos de ensinante e aprendente dentro da Psicopedagogia

*“Do nosso nascimento à nossa morte somos um cortejo de outros, ligados por um tênue fio”.*

Jean Cocteau

O ensinante/ aprendente são sujeitos que têm entre si um compromisso de transferência de saberes, focada na subjetividade e na autoria de pensamento e no desejo do conhecer. São sujeitos inseridos na dinâmica relacional do viver e conviver com os outros. Ou seja, sobre as relações existentes nos atos humanos de ensinar e aprender, presentes no processo de aquisição do conhecimento.

Diz-nos Fernández (2001, p. 53):

Às palavras “ensinante”, “aprendente” [...] estou atribuindo o valor de conceito [...] não são equivalentes a aluno e professor. Estes últimos fazem referência de lugares objetivos em um dispositivo pedagógico, enquanto aqueles indicam um modo subjetivo de situar-se [...]. Os estudos de pedagogia [...] como os da psicologia e os da psicanálise [...] não dão conta dos posicionamentos singulares diante do conhecer e do aprender.

Na Psicopedagogia, às palavras aprendente/ ensinante, atribuímos o valor de conceito, segundo Fernández (2001) diz respeito a posicionamentos subjetivos/ objetivos singulares, frente ao conhecimento. Não são equivalentes a aluno e professor, pois ensinante/ aprendente pauta-se numa relação transferencial, que se define a partir de lugares subjetivos e de um projeto identificatório. Ou seja, em determinados momentos o sujeito é o ensinante e em outros, o aprendente, estas situações se alteram no mesmo sujeito.

Complementando, ainda segundo Fernández (2001) o conceito de sujeito aprendente constrói a partir de sua relação com o conceito do sujeito ensinante, ou seja, são duas posições subjetivas, presentes em uma mesma pessoa. Pois o aprender acontece a partir dessa simultaneidade.

Diz-nos Fernández (2001, p. 56):

O sujeito aprendente sempre se situa em diversos "entre", mas, por sua vez, os constrói como lugares de produção e lugares transicionais [...]. Entre a responsabilidade que o conhecer exige e a energia desejante que surge do desconhecer insistente. Entre a certeza e a dúvida. Entre o brincar e o trabalhar. Entre o sujeito desejante e o cognoscente. Entre ser sujeito do desejo do outro e ser autor de sua própria história. Entre a alegria e a tristeza. Entre os limites e a transgressão

Segundo Fernández (2001, p. 56) acrescenta que, "o 'entre' que se constrói entre o sujeito aprendente do aprendente e o sujeito ensinante do ensinante é um espaço de produção de diferenças".

Contudo, o sujeito aprendente/ o sujeito ensinante coexistem simultaneamente em cada um de nós. Para que ocorra o ensino e a aprendizagem é preciso que os sujeitos, tanto aquele que está ensinando como aquele que está aprendendo, conectar-se com ambos os posicionamentos subjetivos.

De acordo com Andrade (2002), vê o sujeito aprendente e o sujeito ensinante, com o conhecimento, com a repartição de papéis assegurando que seja preservada uma diferenciação de sua identidade respectiva. Ou seja, neste sentido uma posição aprendente/ ensinante intercambiáveis e alternáveis, num jogo dialético instaurado pelo conhecer/ desconhecer definido em função daquilo que o sujeito tem daquilo que ele dá e daquilo que almeja.

Portanto, o sujeito da Psicopedagogia ora é chamando de ensinante e ora é chamado de aprendente. O objeto da Psicopedagogia não se trata, então, do conteúdo ensinado ou do conteúdo aprendido ou não aprendido, mas, são os posicionamentos ensinantes/ aprendentes e a intersecção problemática entre o conhecer e o saber.

Pode se considerar que o sujeito da Psicopedagogia age e interagem num jogo de trocas, que através do pensamento gera conhecimento e a transformação desse conhecimento edifica-se no saber.

## 2.2 A relação ensinante – aprendente

*“Quanto à criança se interessa pelo que faz. É capaz de empreender esforços até o limite de sua resistência física”.*

Dj` Dean Peaget

Para pensarmos a relação de ensinante/ aprendente, segundo Fernández (1990, apud ANDRADE, 2002, p. 9):

[...] o aprendente, necessariamente em uma cena vincular que primária e paradigmaticamente se dá no grupo familiar, em nossa cultura. Para efeito de análise, recortamos dessa estrutura vincular ao aprendente, descobrindo que nele intervêm quatro estruturas, quatros níveis constitutivos de um sujeito que, por sua vez, se constroem ou se instalam através de uma inter-relação constante e permanente com o meio familiar e social.

Os anos iniciais do bebê constituir-se-á como sujeito, produziram encontros que foram significados em relação às experiências com outro significativo e que tiveram, ou seja, uma função estruturante. Estes encontros com as figuras ensinantes, objetos de amor, que intercederam entre o sujeito em constituição e os objetos de conhecimento são fundantes na construção do sujeito aprendente.

Para compreendermos a relação ensinante/ aprendente e o nível de aprendizagem, precisamos expressar o que entendemos quando falamos em autoria do pensamento.

Um sujeito constitui-se como autor (processo que é um contínuo, nunca acabado e iniciado inclusive antes do nascimento) a partir da modalidade entre seus posicionamentos ensinantes e aprendentes. (FERNÁNDEZ, 2001, p. 60).

Segundo Andrade (2002), para termos uma melhor compreensão da relação ensinante/ aprendente e o nível de aprendizagem que fundamenta essa relação se faz necessário entender que o sujeito aprendente se constitui autor na medida em que ele vai vivenciando a castração do pensamento. Constitui-se desta forma um mundo subjetivo próprio, que vai separá-lo da subjetividade materna.

[...] Na relação mãe-filho, será no registro do pensar que se instituirá uma luta decisiva respeitante à aceitação ou recusa por parte da mãe de conhecer a diferença, a singularidade, a autonomia desse novo ser que fez parte de seu corpo... (AULAGNIER, 1990 apud ANDRADE, 2002, p. 13).

Complementa, ainda discorre:

(Se é verdade que poder comunicar seus pensamentos, desejar fazê-lo, esperar disso uma resposta, fazem parte integrante do funcionamento psíquico e são suas condições vitais, é igualmente verdade que deve coexistir paralelamente para o sujeito)... a possibilidade de criar pensamentos que têm como única finalidade trazer ao Eu que os pensa, a prova da autonomia de um espaço que ele habita e da autonomia de uma função pensante que só ele tem poder de assegurar: donde o prazer que o Eu experimenta ao pensá-los. (AULAGNIER, 1990 apud ANDRADE, 2002, p. 14).

Conforme Almeida (1999 apud ANDRADE, 2002, p. 15), “[...] o conhecimento que verdadeiramente se ensina é o que se transmite como efeito de um Saber sobre a própria castração [...]”.

No entanto, cabe ao ensinante ensinar ao aprendente sobre a castração, sobre a con/vivência com a falta. Ou seja, a função do ensinante é a de indicar ao aprendente a posição do sujeito a respeito da verdade, a verdade daquilo que ele almeja.

A Psicopedagogia trabalha desde essas funções ensinante/ aprendente de diferentes pessoas e âmbito. Segundo Fernández (2002, p. 62), “a psicopedagogia começou a assinalar a necessidade de trabalhar com a relação pai como ensinante-filho/a como aprendente – mãe como ensinante-filho/a como aprendente”.

Segundo Portella (2008, p. 149):

É necessário se entender a funcionalidade do sintoma dentro da estrutura familiar. E um tratamento psicopedagógico [...], segundo a história singular da criança, permita que ela possa trabalhar a libertação de sua inteligência e a circulação do conhecimento em seu grupo familiar [...]. Para que isso possa vir a acontecer, Sara Pain nos lembra que será necessária a presença da família durante o tratamento, para obtermos, por intermédio dos pais, algumas chaves para apreendermos o significado do não-aprender nessa família e como nela possibilitar mudanças de lugares.

Concordo com a autora Fernández (2002), ao incluir como sujeitos de nossas intervenções aos ensinantes: os pais, os educadores. O grupo familiar seja no favorecimento de uma aprendizagem saudável ou para dificultá-lo, produz diferentes sintomas e inibições.

Entretanto, como psicopedagogo(a) somos convocados a pensar nas possibilidades de novas escutas, confrontando os conhecimentos e os saberes, na qual cada vez mais estão aparecendo de maneira cifrada.

## 2.3 Modalidades de ensinante

*“O tempo presente e o tempo passado. Talvez estejam, ambos, presentes no tempo futuro. E o tempo futuro, contido no tempo passado”.*

T. S. Elliot

A modalidade de aprendizagem refere ao modo e as condições de aprender de uma determinada pessoa. Segundo Fernández (1990 apud POLITY 2004, p. 126):

É uma maneira pessoal para aproximar-se do conhecimento e para conformar seu saber [...] construído desde o nascimento, sendo através dela que nos deparamos com a angústia inerente ao conhecer-desconhecer.

Nesta modalidade conforme Polity (2004) é importante observar o papel do sujeito ensinante e da sua relação com o grupo no qual estava inserido, como por exemplo: do professor, do educador, do psicopedagogo, isto é, de todo o profissional que lida com a aprendizagem.

Reconhecemos que o ensinante se insere no sistema familiar que determinam e/ou impõem suas escolhas e ainda determina a forma com que cada sujeito pode se aproximar ou se afastar do saber.

Segundo Freud (1969 apud POLITY, 2004, p. 132) em Introdução ao Narcisismo, diz que:

O indivíduo é o único herdeiro de uma cadeia intersubjetiva que o origina. Penso que, no tocante ao modelo de aprendizagem, também podemos considerar como transmissível através das gerações. Assim como os valores (éticos, morais, culturais), o legado referente ao relacionamento com o saber vem inscrito na história familiar e será sempre um fator determinante para a aprendizagem (ou não) dos seus membros.

Complementando nas palavras de Polity (2004, p. 133):

Ao longo do seu Ciclo Vital, o ser humano traz dentro de si muitas famílias: a da sua infância, da sua adolescência, da sua fase adulta, com filhos e netos, e, em todas elas, a herança familiar é seu legado mais forte.

A aprendizagem desenvolvida no núcleo familiar vai acompanhar o sujeito em toda sua vida profissional. Segundo Polity (2004) em uma visão psicanalítica na qual as primeiras experiências emocionais vivenciadas nas relações com os pais, inclusive as de aprendizagem, serão responsáveis pela formação da identidade do sujeito.

Entretanto, o profissional que lida com a aprendizagem, tem como instrumento de trabalho a sua própria pessoa e, contudo, precisa estar disposto a lidar com suas emoções e com a parte intelectual minimamente harmonizada. Certamente, um melhor preparo interno, trará condições de suportar as dificuldades que apareceram ao longo do caminho.

Segundo Fernández (2001, p. 59):

O pai, a mãe, os educadores e os professores, como ensinantes, proporcionam um espaço saudável de aprendizagem quando conseguem apelar ao sujeito ensinante dos aprendentes. Isto é, quando não só, nem principalmente, colocam-se em posição de aprender dos filhos e/ou alunos, mesmo quando considerem que estes últimos conhecem e sabem.

A aprendizagem em especial a da família, segundo Polity (2004), é decisiva para a forma como o sujeito aprendente terá possibilidades de trabalhar com suas dificuldades, tentando superá-las ou mantendo-as em favor das relações com o grupo.

### 3 DA SINOPSE DOS DADOS À REFLEXÃO

#### 3.1 Estudo de caso

*“Com os pais que trazem seu filho para consulta, é sempre melhor abrir um espaço para pensar como pensam o que fazem, em vez de discutir sobre o que fazer. E quando o “que fazer” se impõe, abrimos um espaço para pensar como pensam “o” que tem que fazer”.*

Alicia Fernández

Para a realização desta monografia nos apoiamos em leituras e pesquisas bibliográficas, a fim de compreendermos e aprofundar o conhecimento teórico sobre os temas relacionados anteriormente.

Vamos tecer a trama entre teoria e prática: estudo de caso, de forma que possamos aqui levantar dados que justifique o quanto a dinâmica familiar tem importância no surgimento de conflitos no desenvolvimento do sujeito, acarretando assim problemas de aprendizagem.

Neste sentido, destacamos o estudo de caso no TUCCA – Trabalho Unificado com Carinho e Amor, localizado no Jd. Sabiá. Ressaltamos que foi através do Tucca que realizamos o estágio supervisionado. O atendimento Psicopedagógico foi realizado entre trinta e três sessões de uma hora, semanalmente, no período de junho a abril de 2009, porém no mês de julho/ 2008 não houve atendimento, pelo fato de estar em férias e no mês de dezembro até o mês de março não ocorrendo atendimentos por problemas administrativos.

Para resguardar a identidade da paciente atendida e trabalhada em nossa monografia terá a sua identificada como K.S, feminino, com idade de 09 anos, cursando a 4ª série do Ensino Fundamental.

Inicialmente a paciente envolvida na pesquisa foi submetida ao Diagnóstico Psicopedagógico, através de atividades psicopedagógicas, incluindo entrevistas com

os pais na sessão realizada de Anamnese, no sentido de identificar a modalidade de aprendizagem da paciente, buscando entender qual o sintoma de não-aprender.

A interpretação de dados e a análise dos resultados serão realizadas à luz das referências bibliográficas apresentadas. Para que haja um possível equilíbrio entre a teoria e a prática.

Passamos a seguir a descrever o estudo de caso atendido.

### 3.2 Um pouco da história da paciente

*“Sou o intervalo entre o meu desejo e aquilo que o desejo dos outros fizeram de mim”.*

Fernando Pessoa

A seguir passamos a descrever os dados da paciente atendida, lembrando que o nome utilizado aqui é fictício pela necessidade de resguardar a identidade. A paciente estudada terá a sua identificação como mencionado anteriormente de K. S, feminino, a mesma tinha 09 anos de idade e estava cursando a 4ª série do ensino fundamental.

Foi encaminhada para o Atendimento Psicopedagógico pela coordenadora do Tucua.

Delineado o sintoma passa-se para o processo da análise e reflexão das falas do relator que serão úteis em vários momentos da investigação psicopedagógica, pois determinadas frases são carregadas de significados que estão relacionados à aprendizagem dos pais e do próprio sujeito em questão. No entanto, não deve fazer conclusões precipitadas como afirma Weiss (2007, p. 49) “[...] é fundamental, durante a queixa, iniciar-se a reflexão sobre as duas vertentes de problemas escolares: o sujeito e sua família e a própria escola em suas múltiplas facetas, para se definir a seqüência diagnóstica bem como as técnicas a serem utilizadas”.

**Queixa escolar:** A mãe da menina apresentou a seguinte queixa: segundo a mesma a paciente apresenta dificuldade em não guardar nada na cabeça, está com dificuldade de aprender, é muito sentida em relação à atenção dada pelos pais,

antes era apenas ela agora tem um irmão mais novo, teve uma professora que disse que por ser canhota não aprende, levanta também a questão do problema que tem com o companheiro (pai) em que o mesmo fala alto (gritando).

**Anamnese:** Fizemos a entrevista na sessão somente com a presença da mãe, uma vez que o pai não compareceu. O objetivo da anamnese é conhecer a história de vida da pessoa em avaliação. Esse importantíssimo instrumento possibilita dimensionar passado, presente e futuro do paciente. Isto é, da reconstrução dessa história, busca-se aprender dados e o significados que ele contém através do discurso e da análise.

Segundo os relatos da mãe, diz ter dois filhos a menina e o menino. Sua gestação foi muito tranqüila, mas reagiu ao nascimento da filha, muito mal, vomitou na hora da cesárea, chegando a recusar a dar o peito.

A paciente apresentou problemas de saúde na infância, pneumonia com reincidência de três vezes, neste período já tinha secreção nasal. Sua saúde agora aparenta estar melhor, porém a secreção nasal persiste em alguns momentos, mas, segundo os relatos da mãe usa medicamento (Rinosoro), este com orientação médica.

Foi um bebê tranqüilo. Sentou no 5º mês, engatinhou aos 05 meses, ao um ano e dois meses andou. Quanto à linguagem essa criança usou suas primeiras palavras com significado com um ano de idade e hoje se comunica bem. Amamentou muito pouco, pois a mãe também não tinha muito leite. Hoje sua alimentação é normal e não necessita de auxílio para se alimentar (faz até algumas alimentações, no caso miojo), nem para realizar atividades como: tomar banho, de escovar dentes, se vestir. Dorme no quarto com os pais, pois a casa é pequena.

Escreve e realiza qualquer tarefa com a mão esquerda, mas segundo a mãe, a professora disse quando a criança tinha entre 05 anos de idade que isso poderia ser um problema.

Até o ano passado segundo os relatos da mãe não sabia ler nada e este ano melhorou pouco. Mas diz que K. S é dispersa se distrai na realização de qualquer tarefa, esquece muito.

Contudo, durante a anamnese percebeu-se que a mãe ocultou algumas informações importantes para a formulação da hipótese diagnóstica, em alguns momentos olhava-se para os lados, com um sorriso singelo e esfregando muito as mãos, demonstrando inquietação, insegura.

**Avaliação Psicopedagógica:** No decorrer do Diagnóstico Psicopedagógico percebemos que a paciente K. S. nos encontros, ou melhor, durante algumas sessões, apresentava uma secreção nasal, mas também tinha momentos que não apresentava os sintomas, com aparência mais tranqüila, expressava envolvimento com atividade proposta, e em outros momentos que tinha aparência de inquietação e mais voltada para ela mesma. Segundo o artigo publicado no site do Dr. Drauzio Varella (2005)<sup>3</sup>, dizendo que:

As rinites são a expressão de mecanismos reativos da mucosa a insultos provocados por processos alérgicos, infecciosos, obstruções anatômicas ou como consequência de gravidez, estresse emocional, mudanças bruscas de temperatura, exercícios físicos ou uso de certos medicamentos.

Ou seja, poderá indicar que a paciente demonstra insegurança, estresse. Segundo a paciente os pais trabalham muito, deixando sozinha em casa. Em uma das sessões de diagnóstico, a paciente trouxe seu ambiente familiar. Relatando que sua mãe lhe dava afazeres domésticos que era obrigada a cumpri-las, pois observamos também em alguns momentos das sessões anteriores, de ficar dispersas e argumentando que tem coisas para realizar em casa.

A responsabilidade que os pais colocam muitas vezes na criança, um compromisso de cuidar da casa, de cuidar do irmão mais novo, acabam afetando e esquecendo momentos que são importantes para o desenvolvimento da criança.

Segundo Polity (2004, p. 143):

Toda criança nasce com o potencial para desenvolver sua individualidade a partir de um estado inicial de indiferenciação. Depende para isso de uma relação ensino-aprendizagem que é inicialmente mediada pelos seus pais e pela família.

Complemento dizendo conforme Fernández (1991) a modalidade de aprendizagem da criança se constrói desde o seu nascimento, vai sendo construída desde o sujeito e o grupo familiar na qual está inserido, de acordo com as experiências de aprendizagem e como foi interpretada por ela e seus pais.

---

<sup>3</sup> <http://drauziovarella.ig.com.br/artigos/naso.asp>. Acesso em 22. Nov. 2008.

Assim, talvez a dificuldade de aprendizagem apresentada pela paciente K. S. pode estar relacionada a questões dos vínculos familiar, segundo Andrade (1998, p. 23) dizendo:

A família é a primeiro núcleo social que abriga o homem. É ela quem vai dar condições à criança de constituir seus modelos, de apreender e aprender. A família coloca-se como o filtro que capta o colorido social, modificando-o, integrando-o ao seu próprio espectro e nesse movimento vai contribuindo para a individuação da criança que abriga no seu ventre.

Durante o processo de diagnóstico podemos talvez relacionar as dificuldades de aprendizagem de K. S. com a falta de vinculação com o conhecimento devido situações vividas em seu ambiente familiar.

Complemento, discorrendo segundo Andrade (1998, p. 23):

A família vai promover essa criança das questões materiais e emocionais, tanto dos aspectos objetivos quanto dos subjetivos. Dessa forma permitirá, através das trocas afetivas, o desenvolvimento físico, o desenvolvimento emocional e o desenvolvimento cognitivo. Será o vínculo estabelecido com a figura materna inicialmente, e a paterna num segundo e imediato momento que possibilitará a relação desta criança com o mundo e com as coisas, os objetos desse mundo através do conhecimento.

Ao interpretar o desenho projetado e a história relatada em sua atividade “Família” e “Família Cinética”, podemos pensar em algumas situações da sua relação familiar. Mas não podemos perder de vista, que a família representada traz seu bojo a família do paciente. Ela estará representando ou a família real ou a família ideal. Mas traz também os membros da família em que todos fazem uma coisa em comum, podendo neste caso interpretar a existência saudável do vínculo familiar.

Em todo processo de aprendizagem percebe-se que realmente a vida familiar de K.S. traz uma dose de responsabilidades de afazeres domésticos, mas, a família também tem momentos que proporciona situações familiares como por exemplos passeios, almoço, enfim.

Contudo, a família é importante para um bom desenvolvimento, tanto nos aspectos objetivos como nos aspectos subjetivos. Pela qual observamos à paciente traz questões pertinentes em relação à postura familiar, na qual sua família deixa muita responsabilidade, como muitas vezes responsabilidades de um adulto, não

permitindo assim que a crianças passe por momentos importantes de seu desenvolvimento.

De acordo com a “Sondagem da Escrita e Leitura”, a paciente encontra-se na fase do nível da escrita no período silábica, neste nível a paciente procura efetuar uma correspondência entre a grafia e sílaba, geralmente uma grafia para cada sílaba, o que não exclui alguns casos problemáticos derivados de exigências de quantidade mínima de letras.

Com base nos estudos de Fernández (2001, p. 83-84), pela forma como a paciente K. S. vem projetando sua angústia, concluímos que a modalidade aprendizagem<sup>4</sup> da paciente esteja instalada em: Hiperassimilação esta sintomatização vem acompanhada da Hipoacomodação.

Levando-se em consideração os diagnósticos da paciente, pensamos na realização de uma Intervenção Psicopedagógica especialmente voltada para um trabalho que inclua a família nuclear, no sentido de possibilitar a compreensão do outro, a adequação de papéis e de limites. Desta maneira, apreender o interjogo das ações de cada um dos seus membros e seu respectivo grau de comprometimento no surgimento do sintoma.

Enfim, a Intervenção Psicopedagógica buscará não se limitar à compreensão da dificuldade, mas, nossa atuação enquanto psicopedagogo(a) repercutirá em envolvimento na manutenção de um sistema familiar com uma saudável circulação do conhecimento, possibilitando o equilíbrio entre seus membros na definições de papéis e de limites.

---

<sup>4</sup> Segundo Fernández (1991, p.107), “Modalidade de aprendizagem é como uma matriz, um molde, um esquema de operar que vamos utilizar nas diferentes situações de aprendizagem”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste trabalho trazer uma reflexão. Inicialmente quero acentuar o que as autoras Sara Paín (1985; 1999) e Alicia Fernández (2001a; 2001b; 2001c), dizendo que, “um sintoma de aprendizagem apresentado por uma criança denuncia que algo na família ou na escola ou no grupo a que ela pertence está em desarmonia”. (apud, PORTELLA, 2008, p. 147). É preciso ter cuidado no diagnóstico para que não venha a ser uma sentença, será necessário conhecer a história de vida do paciente para que sim formule uma hipótese sobre o problema que ela possa estar apresentando.

A família como a matriz da identidade, no seio da qual se estabelecem as primeiras relações, deve ser estudada e compreendida por nós que nos dispomos a conhecer como se configura o processo de autoria do pensamento no sujeito aprendente, a partir da circulação do conhecimento na própria dinâmica familiar. Isto é, as funções da família regem-se por dois objetivos, sendo um de nível interno, como a proteção psicossocial dos membros e o outro de nível externo, como a acomodação de uma cultura e sua transmissão.

Observo que desde o nascimento, a criança encontra um significado pessoal na sua modalidade de aprendizagem, que terá reflexos no momento da sua alfabetização, podendo muitas vezes acarretar a ocorrência de problemas da aprendizagem da leitura e escrita.

A Psicopedagogia está interessada no ser que aprende, no sujeito cognoscente que está recebendo e desenvolvendo de maneira circular as influências do meio em que vive. [...] É o sujeito-autor dos seus pensamentos o objeto da Psicopedagogia, e esse processo de autonomia começa na própria família. [...] Um olhar psicopedagógico voltado para as famílias, cujos membros conseguem atingir um bom nível de autonomia e desenvolvimento que os capacite na formação de um novo núcleo familiar, pode servir de apoio para trazer novas possibilidades às famílias que encontrem dificuldades neste sentido. Tal contribuição seria útil não só para o sistema familiar, como para os demais sistemas nos quais a família esteja inserida, bem como para um crescimento da visão da importância da Psicopedagogia, que há tempos atrás era vista como uma área cujo interesse se voltava às dificuldades de aprendizagem apenas. (MUNHOZ, 2003, p. 39).

Devemos considerar que o sujeito aprendente é fruto de uma dinâmica familiar, que funciona segundo diversas influências tanto modernas quanto antigas.

Segundo Munhoz (2003, p. 57):

A função do psicopedagogo familiar é ajudar a família e o paciente identificando como problema, facilitando a transformação do sistema disfuncional em um sistema sociocultural aberto. Unindo-se, a família pode descobrir, avaliar as estruturas de padrões tradicionais e tornar uma posição de liderança criando circunstâncias que permitam a transformação das estruturas rígidas.

Complemento, discorrendo ainda com Munhoz (2003, p. 119):

[...] o psicopedagogo, em sua práxis, deverá construir um modelo de avaliação e intervenção da realidade, apreendendo a riqueza de símbolos, mediados pela convivência dos membros na família, descobrindo potencialidades, padrões, modos de comunicação entre os subsistemas (inter-institucional) e a sociedade como um todo.

Notam-se famílias aparentemente bem estruturadas que podem abrigar pessoas com sérios problemas emocionais e comportamentais, por outro lado, pessoas sem nenhuma estrutura familiar podem, aparentemente, desenvolver-se de forma maravilhosa.

Concordo com a autora Portella (2008, p. 153) em ressaltar que:

Nessa sociedade individualista que preconiza o descartável, somos convocados a pensar em novas possibilidades de escuta, em rever nossos conceitos, confrontando-os com os conhecimentos e os saberes que cada vez mais estão aparecendo de maneira cifrada.

Daí o nosso entendimento em relação a questões familiares, traz uma complexidade impar à Psicopedagogia para qual precisamos estar atentos nas novas abordagens de pesquisas e de intervenções, tanto clínica quanto institucional.

Contudo, a partir deste olhar podemos concluir que a inclusão com o suporte familiar no tratamento Psicopedagógico do paciente na atualidade, constitui-se um recurso valioso que pode auxiliar as dificuldades encontradas por toda a família.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALICIA, Fernández. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 2001.

ANDRADE, Márcia Siqueira de. (org.) et al. **O prazer da autoria: A Psicopedagogia e a construção do sujeito autor.** Coleção temas psicopedagogia. Livro 03. São Paulo: Memnon, 2002.

\_\_\_\_\_. **Psicopedagogia Clínica: Manual de aplicação prática para diagnóstico de distúrbios do aprendizado.** São Paulo: Póluss, 1998.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade.** 38ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

CHAMAT, Leila Sara José. **Relações vinculares e aprendizagem: um enfoque psicopedagógico.** São Paulo: Vetor, 1997.

\_\_\_\_\_. **Técnicas de diagnóstico psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista.** São Paulo: Vetor, 2004.

\_\_\_\_\_. **Técnicas de Intervenção Psicopedagógica: para dificuldades e problemas de aprendizagem.** São Paulo: Vetor, 2008.

CORSO, Diana Lichtenstein. CORSO, Mário. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo.** Trad. Noemi Moritz Kon e Marise Levy. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ELKAIM, M. **Panorama das terapias familiares.** São Paulo: Summus, 1998.

FERNÁNDEZ, Alice. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Porto Alegre: Artmed, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os idiomas do Aprendizente:** análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FILHO, Benedito José de Carvalho. **Marcas de família, travessias no tempo.** São Paulo: Annablume, 2000.

GARCIA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem:** linguagem, leitura, escrita e matemática. Ed. Aritmed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LACERDA, Sonia Maria Figueiredo. **Acorrelação entre a dinâmica familiar e a aprendizagem dos filhos:** uma visão Psicopedagógica. 2003, 64 f. Trabalho de conclusão de curso (pós-graduação) – Faculdade de Psicopedagogia Clínica. Universidade de Santo Amaro, São Paulo. 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

MINUCHIN, S. **Famílias, funcionamento e tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi (Org.). **Questões familiares em temas de Psicopedagogia.** Coleção temas psicopedagogia. Livro 07. São Paulo: Memnon, 2003.

OSÓRIO, L. C.; VALLE, M. E. **Terapia de famílias:** novas tendências. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do vínculo.** São Paulo: Martins Fontes. 2007.

POLITY, Elizabeth (Org.). **Psicopedagogia:** um enfoque sistêmico: terapia familiar nas dificuldades de aprendizagem. São Paulo: Vetor. 2004.

PORTELLA, Fabiani Ortiz; FRANCESCHINI, Ingrid Schoeder. (org.). **Família e aprendizagem:** uma relação necessária. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak. 2008.  
PRADO, Danda. **O que é família.** Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científico**. 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SIMONS, Ursula Marianne. **Blocos lógicos**: 150 exercícios para flexibilizar o raciocínio. Petrópolis, RJ: Vozes.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOUZA, Andrey Setton Lopes de. **Pensamento a inibição intelectual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

TATAR, Maria. **Contos de Fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

TIBA, Içami. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins fonte, 1999.

WEISS, Maria Lúcia. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 12º ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

## INTERNET

**Colégio Winnicott**. Disponível em: [www.winnicott.com.br](http://www.winnicott.com.br). Acesso em: 16. Mai. 2009.

**Manutenção do vínculo**. Disponível em: [http://jjj.tj.rs.gov.br/jjj\\_site/docs/DOUTRINA/MANUTEN%C7%C3O-MEHOPPE.HTM](http://jjj.tj.rs.gov.br/jjj_site/docs/DOUTRINA/MANUTEN%C7%C3O-MEHOPPE.HTM). Acesso em: 27. Mai. 2009.

SOARES, Alexasandro Rosa. Reflexão sobre a importância da família na reconstrução do indivíduo. **Psicopedagogia online portal da educação & saúde mental**. Disponível em: [HTTP://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigos.asp?entreID=743](http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigos.asp?entreID=743). Acesso em: 25. Mai. 2009.

**Webfrases**. Disponível em: [HTTP://www.webfrases.com/resultados\\_busca.phd](http://www.webfrases.com/resultados_busca.phd). Acesso em: 26. Mai. 2009.